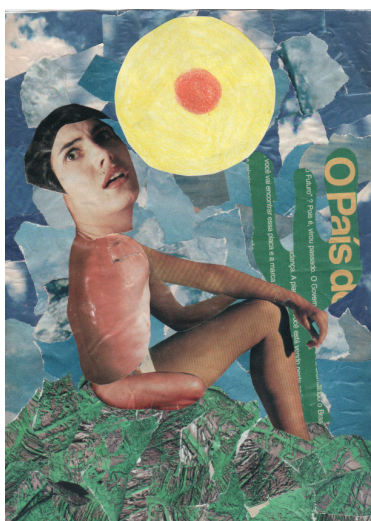

A CAPA

Como queimar os olhos com um sol-de-mentira



A releitura da obra Abaporu consistiu em um exercício durante a conclusão do meu ensino médio. Minha professora, na época, propôs que fizéssemos uma releitura do trabalho artístico mantendo alguma parte do original. Antes de planejar o que faria, lembrei de um vídeo que dizia que Tarsila do Amaral havia pintado o quadro depois de um sonho. Minha mãe costuma dizer “se um sonho foi ruim, então era pesadelo”. Não acho que o sonho de Tarsila tenha sido um pesadelo, no entanto, deve ter sido um sonho bem esquisito.

A primeira vez que vi o quadro foi por ocasião de realizar o mesmo exercício de releitura muitos anos antes, com papel e giz de cera, quando eu ainda estava na segunda série do ensino fundamental. Além de familiarização com a obra, acredito que a expectativa em propor essas releituras ao longo do tempo reside em obter novas visões, novas digestões da imagem, ou até mesmo as mesmas visões de sempre, como uma forma de fixação. De maneira informal, essa criatura enorme, tão sozinha no meio nada, e tudo porque parece que a gente tem medo de chegar perto. O encontro e reencontro com o quadro parece um extenso convite à aproximação do que, por muito tempo, pareceu estranho e permaneceu abandonado.

Sem que alguém me convidasse, a mesma coisa também aconteceu com a colagem. Um dia meu terapeuta me perguntou se eu fazia colagem porque não tinha como errar. Era verdade, comecei assim, mas descobri que era possível errar... e muito! No período dos primeiros anos escolares, na época da primeira releitura, a tarefa de pegar revistas, recortar e colar era frequente e natural, porém, foi substituída ao longo do tempo pelo que fosse mais rápido e prático aos alunos.

A colagem existia como um exercício do passado, abandonado, quase como uma marca inconsciente esperando para ser acessada. Por isso, a colagem como método e linguagem ainda parece algo fácil e “infantil”, por ter ficado restrita como memória daquele momento da vida.

Tenho a impressão que a estratégia mais eficiente dos colagistas é deslocar as coisas dos seus contextos, montar quebra-cabeças colocando as peças em novos lugares. Em nossa atividade, não só é possível errar, como também é possível brincar e se afogar nestes erros, engolir o quebra-cabeça e queimar o olho, porque muitas vezes fazer colagem pode ser entregar o pior de uma imagem. Às vezes o “erro” é imprescindível. Me dizem “isso que tu colocou aqui não tem nada a ver com o que realmente significa” sem saber que o ofício muitas vezes requer subverter o que se vê, ou fazê-lo algo que ainda não era. Assim, precisamos ser cada vez mais intensos, elaborados e afetivos.

Mesmo que de forma pouco desenvolvida, ao executar Abaporu, a ideia sobre significado e imagem já estava presente e serviu como ponto de partida para várias ações. Daquela estratégia comum, optei por, digamos assim, deslocar sem tirar do lugar. Se o quadro de Tarsila estava ou queria estar relacionado com antropofagia, então eu colocaria tudo de antropofagia, o mais medonho que tivesse. Se aquele rosto era distante, indefinido, próprio de um sonho, eu tornaria o sonho real, dando uma expressão de horror. Os corpos da antropofagia poderiam ser de qualquer coisa, dentro dos imaginários, criaturas. Eu queria tudo humano e assim o fiz.